

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº18 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2001
VOLUME II

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

18



CONVERSANDO COM HUMBOLDT

WALTERLINA BRASIL



wal@unir.br

Era um dia chato. As pessoas iam e vinham na Universidade com aquela pressa de quem tem sempre a responsabilidade de pensar o mundo (ou de contrariá-lo ou até mesmo negociá-lo, quem sabe?). Andei lentamente em direção a um buraco reservado para os que passam uma boa parte do tempo ali, enfiados na esperança de conseguir concluir alguns dos inúmeros expedientes que a dita Instituição envolvia (ou revolia). Ri sozinha. Era uma espécie de relação franksteinica, ou o médico e o monstro revelada no dueto “instituição-instituído” ou em algo que considero pior “instituidor-instituição” ou no imperativo “in(sti)tuição-in(sti)tuidor”. Algo que perfura (um desenho semelhante aquele que torna o amor romântico um ícone do idealizado que para existir no real parte do pressuposto que não deve consentir-se pleno ou feliz: coração traspassado por uma flecha que alguns, com maior requinte, ainda permitem o desenho de algumas gotas de sangue). Mas, enfim, não me preocupei com isto. Encontrei aquela professora que está há dois anos tentando ter uma boa idéia para um livro e de tanto falar disso todos já lemos o seu livro (como vêem não sou a única que sei), menos ela. Vendendo-a, num relance vi Platão... Uau! Deve ser isso! O livro da professora existe, está na realidade das suas idéias e vai ver isto lhe basta. Por alguns segundos caminhei com um anjinho e um diabinho sobre os meus ombros – um em cada lado - pensando horrores e ao mesmo tempo tendo piedade da professora. **Caros leitores, um a parte:** É que na Universidade é possível [*também*] demônios e anjos em uma mesma atitude (ou será o Charada, do Batman?) em uma mesma pessoa: parecem as mais doces e solidárias (e empáticas) criaturas, até que a porta se feche atrás de nós e possam dizer sozinhos ou sozinhas, em comparsa: “Estou livre deste (ou desta) idiota!” e certamente nunca saberemos o que realmente eles (ou elas) pensam sobre você, porque a única preocupação que têm é que eles (ou elas) confirmem para si mesmos, o tempo todo, incansavelmente, que saibam o que são e acreditem nisto (acho que assisti demais Matrix...). Eles (ou elas) não tem nada a ver conosco. Te suportam, nos suportam. Ponto. Preferi naquele momento, espanar ambos coleguinhas, antes que me atolassem com seus pesos. Nas leis da convivência “acadêmica” talvez os convoque quando for necessário uma boa idéia (que é aquela que reúne o desequilíbrio dos dois mundos – ou personagens).

Pois bem. Era um dia chato. Como aqueles onde os alunos te procuram desejosos que você faça no lugar deles o que eles devem fazer sozinhos para superar-se. Como aqueles em que você tem que implorar que liguem seu ar-condicionado lembrando-os que sua sala é dois por cinco metros, que a arquitetura não foi uma referência para pensar-se a ocupação do espaço e a prevenção sobre (ou a convivência com) o calor na região está nas cucuias, que você não quer ter

menopausa precoce, que suar muito às vezes fede, que conforto – para trabalhar em paz – é um direito ! mas, como os memorandos sempre vão me vencer... aí vou tentando as relações mais amigáveis.

Era um dia chato. Passei pela professora, preparei-lhe meu melhor sorriso e antes que me falasse do seu mais reiterado capítulo (a introdução), fui para a sala na qual me encerro (“minha sala”, uau!) dizendo que estaria disponível para ouvi-la assim que fizesse meu computador funcionar, sem ter que enviá-lo para manutenção, senão o pobrezinho dormiria o sono das máquinas culpadas de gerarem homens e mulheres dependentes. De repente, sentado numa mureta, olhando para baixo, com seus óculos envelhecidos escorregando até a ponta do nariz, com aquela expressão de covarde, arfando, vi o Walter ! O Walter Benjamin! Ao tocar a parede daquele prédio pude penetrá-la através de uma teia de experiências que passavam na minha mente, enquanto via o Walter. **(Caro amigo/amiga, não estou tendo visões da última hora, da morte ou de fome. Walter Benjamin me levou a pensar sobre a experiência e como ela se revela através das histórias nas coisas que falamos, vemos, interagimos, sentimos. Ainda não morri e logo, logo chegarei a Humboldt. Tenha paciência)**. Foi bom vê-lo. Aquele homem já percebia que o tempo eram relações sucessivas de futuro, portanto está naquilo que posso sentir e fazer sentir, algo que vai além dos objetos (ou sujeitos) e suas representações. Então aquele prédio era algo mais do que um lugar para professores universitários. Vi as salas sem portas – como foram concebidas -; vi as salas de aulas sem cadeiras enfileiradas – como foram concebidas -; vi as janelas sem grade – como foram concebidas. Onde as concepções se perderam ? E me dei conta (*insigth?*): foram concebidas por **alguns** e quando **alguns** se vão ou se forem, seguem com estas suas concepções. Daí talvez que, para **alguns** (outros/outras), seja importante criar insubstituíveis ou fazê-los crer. Pois pode haver algo no reino de Alice que confirme que “os fins justificam os meios”, e se ampare qualquer um (outros/outras), de qualquer escrúpulo e convicção, que os permitam sugar as energias humanas, pois dos humanos, somente necessitam das energias, afinal não são inteligentes como os humanos (e sua luta é crer veementemente que são mais que humanos e fazer-se mais que inteligentes). Portanto, torna-se fundamental dispensar (e descrer) qualquer tipo de participação e interesse efetivamente coletivo (em qualquer forma e tempo verbal) cuja legitimidade esteja enxertada com a informação limpa e a permanente coragem de olhar e acender o atrevimento de todos.

Olhei para o Walter e disse: “Colega, você é um gênio”. Ele me olhou: “Obrigada pelo verbo no presente... lembra da brincadeira: **no princípio, tudo era o verbo** ? Figura forte, não é ?”. Eu disse: “Pôxa, eu estou numa Universidade e lembro...” Ele me interrompeu, pela primeira vez levantou a cabeça (tinha olhos bonitos) e concluiu (pois desaparecia): “Você está em um conceito, ou uma rede deles e a disputa por conceitos é intestina, visceral.. não lembre de nada, experencie, conte, fale”.

Depois dessas visões (que neste texto me parece mais uma inspiração influenciada pelo “Ghost” ou coisas e filmes pelo estilo), achei que o dia não estava mais chato. E achei menos ainda que estava recebendo uma missão ou tomando a pílula da Emília (sem que ninguém me venha dar, através de uma pergunta fatal) da minha consciência, porque já havia tomado-a na exposição e construção de experiências participativas, enfrentadoras, crédulas, tolas, quaisquer que sejam, pois, e sobretudo, coletivas. Liberei endorfina, no máximo.

Não era um dia chato. Entrei na sala. Sentei em frente ao computador (ele funcionou e a rede também, viva !). Vi minha caixa de correios. Fui vendo pelos temas (ou *subject* ?): nenhuma ameaça de morte; nenhum show de circo; nenhuma visita ao porão; nenhum aluno entregando trabalho atrasado; nenhum expediente, convocação ou circular (nem os anônimos...); nada para rir... hum... hum... [*isso quer dizer que estou procurando*] ah! Uma troca de idéias com um colega que bom ! um agendamento com meu grupo de pesquisa, que bom! Um retoque no meu livro, que bom! Apesar de nenhuma piada na rede (pois descontraí), estava bom. “É isso aí Walter” – pensei – “convivo com uma teia de conceitos, né ?, pois vou seguir a trilha... afinal tem uma porção de coisas que empanam isto: ideologia, poder, pecados capitais. Lá estava: Humboldt. **(Eu não disse leitor/leitora, para você ser paciente? está aí o homem)**. Pensei exercer o meu estereotipado direito ao chique feminino, antecipado de um grito, mas antes disto, vi o rosto de um homem abatido, magro, tinha canas (parecem que os abatidos sempre trazem canas...), não muito alto, com a esperada (por mim) elegância alemã (e sem essa idiotia de perfil ariano) e que me olhava. Não demonstrava estranhar o ambiente, móveis, vestimentas, equipamentos. Do nada pegou um copo (com água) e tomava lentamente, como aquelas pessoas que tragam um líquido para acalmar uma intranquilidade. O cachimbo havia desaparecido. Ele sentou (naquela cadeira que está quase para quebrar, não deu tempo para avisá-lo, não estou na sala da reitoria ou de pró-reitorias, ou na sala dos conselhos... aí pode-se ter cadeiras mais confortáveis, por razões ditas como “óbvias”). Mas não caiu. Continuou: “Parece que falar de Universidade retorna ao centro de alguns debates. Qual sua função como instituição ? Para que vai servir ? O que seja ? Há materialidade na Universidade ? Volta aos princípios da criação da Universidade medieval? (analisastes o encontro sobre o ensino superior na França, em 1998 ? Estive lá), há relação “científica” entre as pessoas? [suspirou] Uma crise essencialmente pessoal (ou existencial) abala o que-fazer da universidade. E onde estamos? em que tempo estamos? e o que pensamos fazer ? Tive uma conversa um dia desses com o Weber (o Max) e o Émile (ele detesta ser chamado de Durkheim, como o povo diz) e disse a eles que poderiam ter sido mais claros na sua abordagem, conversado um pouco mais com o Hobbes, o Maquiavel, o Locke. As pessoas tendem a conciliar o inconciliável, ou pelos menos tentam aproximá-los [franziu a testa, acenou com a cabeça seu inconformismo]. Falam de Universidade e de Estado como um fato intrínseco e de certo modo ensimesmado. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão parece estar arraigada e articulada a característica e existência do Estado. Veja: uma função universal: o conhecimento e o processo de conhecer do ente existente, vinculada a algo como a “capacidade de saber” ?! Que loucura! Condições absolutamente díspares” [colocou a mão no queixo, fitou-me como que inquirindo-me]. Cheguei a pensar que Humboldt era Francês e não alemão.

“Eu me surpreendo com o que você diz, pois sempre o conheci como alguém que trata de dizer sobre o que é e a necessidade do vínculo científico no desempenho da universidade. E o que você me diz das idéias de Jaspers, Newman, Whitehead tão citados quando você ?”. Sua voz ainda estava triste. Acho que ainda há uma miscelânea teórica onde se tenta impor (alguns pretendem criar) uma teoria que seja imperativa (ou ridicularmente explicativa) quanto ao sentido da instituição em termos de sua natureza, sem alertar para os conceitos. As palavras lançadas por mim já deixaram de ser minhas há muito tempo. Nunca falei de Universidade. Pensei em Academia. A Universidade tornou-se impossível. Já o era quando eu o disse. Há pressões sobre o desenvolvimento e a forma de viver das

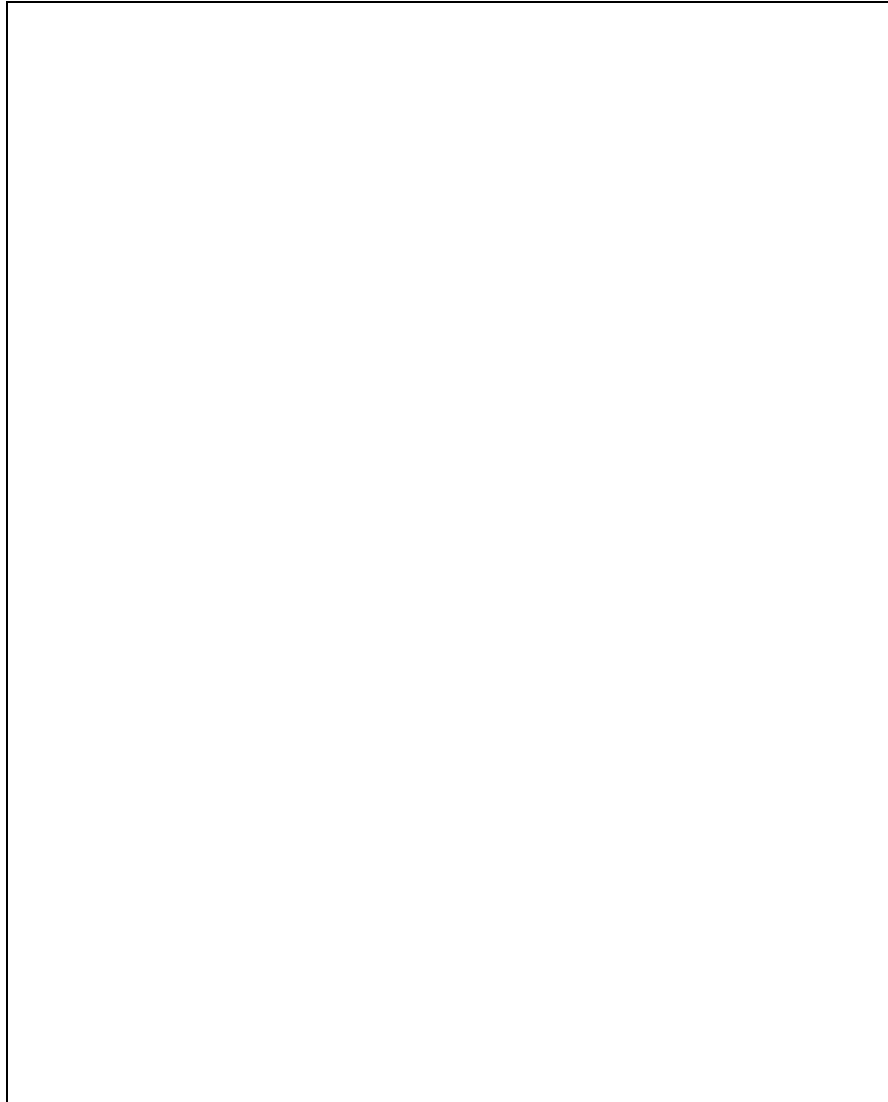
peças que não há como a Universidade dar conta! Há respostas sociais a serem proporcionadas, cuja inscrição não está assentada no papel da Universidade ! Não pensei numa Universidade política. Pensei numa universidade científica [**e os/as leitores/as não inventem de interferir com aquela onda de que político e científico não se desvinculam que não é esta a questão, hein**]. Isto não seria uma idéia. Seria um propósito. A essência da história da expansão do homem sobre a terra é que tem justificado de alguma maneira o princípio "natural" de perdedores e ganhadores de algo. Walter tem razão quando diz que a briga quando se refere a conceitos é intestinal, visceral, pois é a manipulação em algum momento e a imposição em outro de paradigmas que proporcionem assegurar a sobrevivência comercial do trabalho acadêmico. Por isso que me referi ao Max (Weber) e ao Êmile. Entender que o rol social se curva perante a burocracia e a certificação é descompreender a construção desse rol, por outro lado achar que a explicação da história da Universidade está no seu fazer exclusivamente pedagógico é também um equívoco."

Tentei uma intervençãozinha pois nesse momento Humboldt parecia muito chateado. "Mas veja, a Alemanha marcou com modelo e pensamento importantes sobre a universidade que influenciou inclusive a Universidade Latinoamericana", fiz de pitaco. "A idéia de América Latina é uma estultícia ![espalmou a mesa]. São tão sectárias quanto as idéias imperialistas. Lembre-se que há sempre quem acredite nelas, para torná-las impositivas. Crêem, mas não sabem nada". Nunca pensei que Humboldt fosse grosseiro. Insisti: "Mas você há de convir que a Universidade é apenas uma entre várias instituições e que por isto deverá por-se a termo e a campo para saber qual seu papel como uma atitude permanente e vigilante sobre a condição humana. Na América Latina, atretem-se diante do escravismo intelectual e tecnológico e são as únicas formas de resistência evidente sobre a realidade da exclusão e do preço pago para alimentar a ganância humana".

"Querida" - falou em um tom de grande pai, perfurei-o com um olhar reprovador, alegando a inconveniência; corrigiu-se e mudou o tom – "O pecado preferido do Diabo é a vaidade, lembra ? Uma fogueira de várias delas fez com que Napoleão entendesse a função e a resposta que a universidade teria que dar vinculada ao poder estatal representado por ele. Eu falei apenas de pesquisa ! Eu falei de pensar sobre o constituído e julgar sua pertinência. Nunca propus uma Universidade ideal, parasitária do Estado ou dos indivíduos, propus uma atitude. Veja os que realmente fizeram a Universidade (ou o pensamento superior), não estiveram nela. Alguns foram instados, convidados, seduzidos, mas não dependeram dessa instituição para ser o que são em termos de propostas para as grandes idéias. Quem trata estas questões ou as vincula a Universidade é tão tolo quanto a própria convicção de existência pessoal a partir disto".

De certa forma, comecei a achar que a história de "alma penada" poderia colar na visita do Humboldt. "E porque você não fala com Deus ?" Instiguei. "Porque ele sempre fica deprimido quando uma boa idéia não vem dele. Ele ficou assim com o Einstein e a teoria da relatividade". Compreendi que Humboldt apostava que algo poderá ser feito em função do que está dado para a Universidade e o que se disfarça no cenário de pretensas preocupações com a ela. Sentindo que estava cansado por hoje e que se ía, fulminei: "E daí? Mas e o que fazer diante da tão famigerada inquietação (de outros/outras) frente ao [suposto] silêncio?" Ele disse: "As vezes, há que silenciar-se diante dos débeis, alguns deles podem ser violadores da palavra e isto pode ser um passo para o estupro do sujeito"

VITRINE



SUGESTÃO DE LEITURA

OS DESCAMINHOS DO MEIO AMBIENTE NO BRASIL

CARLOS WALTER PORTO GONÇALVES

Contexto

RESUMO: Carlos Walter sai do consenso sobre meio ambiente e ecologia e discute conceitos tidos como naturais e de consenso no seio da problemática ambiental.

SUMÁRIO: O contexto histórico-cultural de onde emerge o movimento ecológico; lutas sociais, lutas ecológicas; o conceito de natureza não é natural; a natureza no dia-a-dia; os descaminhos do conceito de natureza no ocidente; a ciência diante da natureza; a harmonia natural; o homem na natureza e a natureza no homem; sociedade natural; a técnica, a sociedade e a natureza; natureza e relações sociais; ecologia, liberdade e igualdade

Áreas de interesse: geografia.

Palavras-chave: meio ambiente